



Ouvidos da alma: a música religiosa como elo de inclusão para a comunidade surda

Soul's ears: religious music as a link to inclusion for the deaf community

Maria de Lourdes Borges*

Lucirene Franz Ferrari Fernandes**

Clóvis Trezzi***

Resumo: Este artigo explora a relação entre a comunidade surda e a música, especificamente por meio do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em celebrações religiosas em uma igreja pentecostal em Canoas/RS. Considerando que o louvor desempenha um papel fundamental nas práticas religiosas cristãs, a pesquisa investiga a repercussão do uso de Libras nas experiências das pessoas surdas durante essas celebrações, bem como evidencia a importância do conhecimento sensível. Dez membros da comunidade surda foram entrevistados para coletar dados sobre suas percepções e experiências e os resultados revelaram evidências significativas sobre como a música, adaptada através de Libras, facilita a inclusão social e religiosa, permitindo que as pessoas surdas participem plenamente das atividades da igreja. O artigo contribui para o entendimento da importância da acessibilidade na vivência religiosa e destaca a necessidade de adaptações sensoriais e educativas inclusivas para melhor integrar a comunidade surda nos contextos religiosos contemporâneos.

Palavras-chave: Inclusão social. Libras. Celebrações religiosas. Conhecimento sensível.

Abstract: This article examines the relationship between the deaf community and music, focusing on using Brazilian Sign Language (Libras) in religious celebrations within a Pentecostal church in Canoas, RS. Given the central role of praise in Christian worship, the study investigates how incorporating Libras influences the experiences of deaf individuals during these celebrations, emphasizing the significance of sensory knowledge. Data were collected through interviews with ten members of the deaf community, exploring their perceptions and experiences. The findings reveal that music, adapted through Libras, plays a crucial role in fostering social and religious inclusion, enabling deaf individuals to engage more fully in church activities. This research contributes to the broader understanding of accessibility in religious practices and underscores the importance of sensory and inclusive adaptations to better integrate the deaf community into contemporary religious contexts.

Keywords: Social inclusion. Brazilian Sign Language (Libras). Religious ceremonies. Sensitive knowledge.

* Contato: maluborg@gmail.com – ORCID: 0000-0002-1277-5773. Doutora em Administração (UNISINOS, São Leopoldo-RS). Corpo docente permanente do PPG em Memória Social e Bens Culturais da UNILASALLE (Canoas-RS).

** Contato: lucirene.202312675@unilasalle.edu.br – ORCID: 0009-0006-7264-3322. Mestranda em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE, Canoas-RS).

*** Contato: clovis.trezzi@unilasalle.edu.br – ORCID: 0000-0002-5682-6579. Doutor em Educação (UNILASALLE, Canoas-RS). Professor do curso de Pedagogia e Teologia e do PPG em Memória Social e Bens Culturais da UNILASALLE (Canoas-RS).

Introdução

O louvor é um elemento comum nas celebrações religiosas cristãs. Algumas congregações ou movimentos religiosos costumam denominar o próprio culto como uma celebração de louvor. Em geral, ele consiste em orações e músicas que assumem um tom mais festivo, acompanhado por gestos, coreografias ou outras formas de expressão corporal, envolvendo experiências religiosas intermediadas pelos sentidos.

Como as celebrações de louvor são acompanhadas por música, muitas vezes as pessoas surdas podem se sentir excluídas, pois a captação dos sons por elas parece ser algo impossível, do ponto de vista do senso comum. Para ouvir a música e perceber todas as suas nuances, o sentido da audição exerce uma função muito importante, pois “música é a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo” (Med, 1996, p. 9).

Contudo, a história mostra que a relação do ser humano com a música não necessariamente precisa da audição; Ludwig van Beethoven, por exemplo, mesmo após perdê-la, continuou a compor e a tocar piano, sendo que a sua sinfonia mais conhecida, a Nona, foi composta quando já não ouvia. Na contemporaneidade, podemos citar outros exemplos de pessoas surdas que se dedicam à música: Evelyn Glennie, percussionista escocesa, reconhecida mundialmente por suas performances, que é portadora de deficiência auditiva severa desde os 12 anos, e Mandy Harvey, cantora norte-americana que perdeu a audição aos 18 anos e continuou a compor e a se apresentar.

Conforme Nakagawa (2012, p. 85), há grupos de pessoas que entendem que a música não é acessível às pessoas surdas. Há também os que a entendem como “um elemento flutuante das regiões fronteiriças entre as culturas surdas e o mundo ouvinte”, o qual pode ocorrer por meio “da incorporação de sinais, a fruição por meio de resíduos auditivos, a poesia das letras, etc.”

Quando a música é examinada por este viés, compreende-se que ela pode ser captada e vivenciada por pessoas surdas. Aliás, a relação entre a comunidade surda e a música tem sido objeto de estudo e discussão há décadas (Silva et al., 2020). Porém, a lacuna de pesquisa a respeito da representação da música para pessoas surdas, na perspectiva do lazer e da prática educativa inclusiva (Silva et al., 2020), persiste e se aprofunda particularmente no que diz respeito à sua aplicação em contextos religiosos.

Por ser uma forma de arte que pode ser sentida por meio da vibração, ela se torna acessível para pessoas surdas (Haguiara-Cervellini, 2003). Por meio de uma variedade de métodos e tecnologias, como a vibração dos graves, a notação visual (Hopkins et al., 2022) e as interpretações musicais em Língua Brasileira de Sinais (Libras), a música pode ser adaptada para a comunidade surda de maneiras significativas, o que pode facilitar o processo de inclusão (Paula; Pederiva, 2022).

Ademais, Souza (2022, p. 243) anuncia uma virada sensorial nos estudos sobre religião que resgata a importância do conhecimento sensível, originando o entendimento de religião material, para a qual as “religiões não brotam como um sentimento interno espontâneo, mas são in-corporadas a partir de espaços e tempos específicos”. Nessa perspectiva, as músicas e hinos tocados e/ou cantados nas igrejas poderiam ser entendidos como um aspecto importante da materialidade que compõe a experiência

religiosa sentida e vivida. A mesma autora, em sua tese de doutorado, inclui a música como uma das manifestações materiais das religiões, além de outros aspectos que também podem ser percebidos pelos sentidos, como imagens, alimentação, objetos e vestuário, entre outros (Souza, 2019). Sendo assim, poderia o conhecimento sensível da música em celebrações religiosas “tocar” pessoas surdas?

Ademais, algumas igrejas têm se dedicado a incluir as pessoas surdas em seus cultos, oferecendo serviços de interpretação em Libras, bem como adaptando as músicas e orações para atender às necessidades e características dessa comunidade, favorecendo os processos de inclusão (Dunn, 2018). Essas ações são importantes para promover a inclusão social e religiosa das pessoas surdas e para facilitar que elas possam participar plenamente das atividades da igreja.

Este artigo tem por objetivo discutir a repercussão da música na comunidade surda, nomeadamente por meio do uso de Libras em celebrações religiosas de uma igreja pentecostal de Canoas/RS. Procura responder ao seguinte problema de pesquisa: qual a repercussão, entre pessoas surdas de uma igreja pentecostal de Canoas/RS, do uso de Libras em celebrações religiosas?

Para a realização da pesquisa, foram entrevistadas dez pessoas surdas de uma comunidade evangélica pentecostal de Canoas/RS que utiliza a interpretação de músicas em Libras nas suas celebrações. Após coletados os dados das entrevistas, prosseguiu-se com a sua análise que levaram à elaboração deste artigo. Ele está dividido em duas partes: na primeira, teoriza-se sobre a relação da comunidade surda com a música; na segunda, são apresentados os dados coletados e o tratamento dado a eles, seguido das considerações finais.

A comunidade surda e a música

A cultura surda tem uma relação forte com a música, pois a comunidade surda utiliza a música como forma de expressão artística e cultural, além de ser uma importante ferramenta para a construção da sua identidade. A música é percebida não apenas como uma forma de entretenimento, mas como uma maneira de sentir as vibrações sonoras e de se conectar com a comunidade e sua história. As pessoas surdas sentem a música por meio das vibrações e das sensações que ela produz em seu corpo, em vez de ouvi-la com seus ouvidos. Dunn (2018, p. 2, tradução nossa) entende que “música não é apenas ouvir, mas experimentar, sentir, conectar-se fisicamente com algo maior”. Diante disso, a materialidade da música religiosa se expressa nos sentidos reforçando crenças e comportamentos (Brito, 2020).

Para isso, as igrejas utilizam diferentes recursos e tecnologias, como caixas de som, amplificadores e equipamentos que permitem às pessoas surdas sentir as vibrações sonoras e apreciar a música. Além disso, a cultura surda também possui suas próprias formas de produzir música, como a língua de sinais musicada e as coreografias de danças específicas.

De acordo com Holmes (2017, p. 210, tradução nossa), “na comunidade surda, a música pode proporcionar expressão criativa significativa, prazer sensorial e realização

cultural”. Chama a atenção que, para Holmes (2017, p. 177, tradução nossa), a surdez não deve ser entendida como uma deficiência, mas sim como uma minoria linguístico-cultural e uma “variedade visual da raça humana”.

Dentre os que estudam o tema, há pesquisadores que “são contrários à apropriação da música por parte dos surdos, por considerarem que esta seria uma maneira de mostrar a supremacia ouvinte” (Kuntze, 2014, p. 44). A ideia de que a pessoa surda não pode se relacionar com a música tem a mesma raiz da ideia de que a pessoa cega não pode visitar um museu e contemplar uma obra de arte. Como exemplo, Strobel (2009, p. 94) diz que “melodias e ritmos sonoros harmoniosos não foram criados para a cultura surda e sim pelos grupos ouvintes”.

Apesar disso, afirma Kuntze (2014, p. 48), “a impossibilidade de ouvir não constitui uma barreira em se tratando da experiência musical”, pois “o escutar através do próprio corpo é uma ação mais profunda”. O conceito de que a música é de e para sujeitos ouvintes, portanto, não se sustenta.

Concordando com Kuntze (2014) de que há a possibilidade de escutar músicas com o corpo, Holmes (2017, p. 211, tradução nossa) entende que o ato de as ouvir se refere a uma experiência multissensorial e também que pode ser somente visual-espacial, uma vez que ela “excede os parâmetros acústicos do próprio som”. Para Souza (2019), essas músicas se referem a conteúdos que são transmitidos sensorialmente, neste caso por exposição à música, inclusive para pessoas surdas.

Vargas e Sousa (2017, p. 251) destacam, contudo, que as pessoas surdas “apesar de sentirem a vibração do som, não conseguem identificar o que está sendo abordado na música”, sendo necessário, para isto, “a atuação de um profissional”, que é o intérprete de Libras. A habilidade do intérprete em traduzir e transmitir informações de forma precisa e clara é fundamental para garantir que as mensagens sejam transmitidas com precisão e sem mal-entendidos.

Segundo Hopkins et al (2022, p. 1, tradução nossa), as pessoas surdas podem sentir a música uma vez que “o corpo humano pode transmitir sons musicais ao cérebro quando as vibrações são aplicadas à pele” de maneira que é possível identificar “uma nota musical como sendo mais alta ou mais baixa do que outras notas e ajuda os músicos a tocarem música juntos”. Além disso, a música pode ser entendida como mais do que um som, pois ela pode ser experienciada e provocar emoções (Cross, 2012).

A música também é importante para a construção da identidade surda, pois muitas vezes as letras das músicas refletem as suas experiências e valores, abordando temas como a cultura e a língua de sinais, a inclusão social e a luta contra a discriminação. Por fim, a música é uma forma importante de celebração e expressão cultural na comunidade surda, sendo utilizada em festivais, encontros e eventos que reúnem a comunidade surda em todo o mundo.

A cultura surda é uma cultura visual e espacial, que se baseia em uma língua gestual como meio de comunicação e expressão. Essa língua é considerada uma língua natural e completa, com gramática e estrutura próprias. A língua gestual é fundamental para a comunicação e a expressão da cultura surda, e é transmitida de geração em geração, constituindo, assim, a identidade surda. Segundo Candau (2011), a identidade é uma construção social e narrativa, que emerge das interações

entre os indivíduos e o mundo que os cerca. A identidade é influenciada por diversos fatores e pode mudar ao longo do tempo, de acordo com as experiências pessoais e as mudanças sociais e culturais.

O trabalho de Candau (2011) não está diretamente relacionado à cultura surda, porém sua abordagem antropológica pode ser útil para a compreensão desta cultura como sendo moldada por suas próprias tradições, costumes e formas de expressão simbólica. A abordagem antropológica de Candau pode contribuir para a compreensão da cultura surda como uma cultura rica e diversa, que tem suas próprias práticas culturais e simbólicas.

A experiência da língua de sinais no louvor religioso

O louvor em Libras consiste na tradução e interpretação dos cânticos e músicas religiosas para a Língua Brasileira de Sinais, permitindo que os surdos possam participar ativamente nos cultos e celebrações de adoração e louvor. A prática também é uma forma de reconhecer que a pessoa surda precisa de uma maneira específica de vivenciar a sua fé, visto que ele recebe as informações, se comunica e vivencia o mundo a partir de uma experiência visual. De acordo com Sacks,

A língua de sinais, nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos Surdos, nem a natureza nem a arte lhe concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os Surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os Surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais (Sacks, 2002, p. 12).

O louvor em Libras é uma forma de adaptação das músicas religiosas para que sejam acessíveis e compreensíveis para as pessoas surdas. Para isso, os intérpretes realizam a tradução das letras para a Língua Brasileira de Sinais utilizando gestos, expressões faciais e corporais para transmitir o significado das palavras e das mensagens contidas nas canções. A tradução das letras é um processo que requer habilidade e sensibilidade, pois é necessário considerar a estrutura da Língua de Sinais e a forma como ela se comunica visualmente, além de respeitar o ritmo e a melodia da música (Albir, 2005). Dessa forma, os intérpretes trabalham para garantir que a essência e o significado das canções sejam transmitidos da forma mais clara e expressiva possível para a comunidade surda. Com efeito, o trabalho dos intérpretes de Libras pode ser entendido como práticas corporais que transmitem sensorialmente conteúdos (Souza, 2019) aprovados pela igreja em que ocorrem.

A competência tradutória do intérprete é de extrema importância, pois ele é responsável por garantir a comunicação eficaz entre as partes que falam idiomas diferentes. O intérprete deve ser capaz de entender completamente a linguagem oral e escrita de ambos os idiomas, bem como compreender os contextos culturais e sociais em que as conversas ocorrem.

A língua da qual se faz a tradução é chamada de língua fonte (LF), de saída ou de origem; a língua para a qual se traduz é a língua meta (LM), alvo ou de chegada. Porém, o primeiro problema conceitual também é apresentado, pois a tradução é o processo e, ao mesmo tempo, o texto final. Com este conhecimento, permito-me dizer que a tradução é o termo geral que define a ação de transformar um texto a partir de uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou sinalização, em outra língua meta. A diferenciação da interpretação é feita, em um nível posterior de especialização, quando se considera a modalidade da língua para a qual está sendo transformado o texto. Se a língua meta estiver na modalidade escrita, trata-se de uma tradução; se estiver na modalidade oral ou sinalizada, o termo utilizado é interpretação. A causa maior de controvérsias é derivada do compartilhamento do termo 'tradução', tanto para o processo em geral, como para a operação específica de traduzir para a modalidade escrita. É necessário compreender que a interpretação também é tradução, porém especificamente para uma língua presencial ou de interação imediata [...] (Pereira, 2008, p. 25)

Dunn (2018) pesquisou sobre experiências de pessoas surdas com a música em igrejas americanas e descobriu que muitos surdos entrevistados não se sentiam pertencentes às igrejas, os quais eram colocados no fundo ou no corredor do templo e, alguns ainda, vistos como um incômodo nas igrejas. Dunn (2018, p. 43, tradução nossa) coloca que “através das minhas entrevistas aprendi que a comunidade surda gosta de todos os tipos de música, incluindo alguns hinos tradicionais”.

Além disso, entre os principais resultados, Dunn (2018, p. 44, tradução nossa) coloca que

[...] entre a cultura surda, o contexto educacional e religioso tem um grande impacto no tipo de música que eles apreciam durante os cultos. Aqueles que foram ensinados a falar e a ler lábios são mais propensos a cantar em voz alta um hino e não movem as mãos enquanto assistem a um intérprete sinalizar as letras. Uma criança criada em um ambiente educacional inclusivo teria mais probabilidade de sinalizar uma música. Infelizmente, o culto em Língua de Sinais Americana não é tão comum na igreja entre os cristãos surdos, principalmente porque eles não têm um grande repertório musical em suas mãos para se basear.

A habilidade do intérprete de traduzir e transmitir informações de forma precisa e clara é fundamental para garantir que as mensagens sejam transmitidas com precisão e sem mal-entendidos. Isso é especialmente importante em situações em que a comunicação é crítica, como em negociações comerciais, reuniões diplomáticas ou consultas médicas. Além disso, a competência tradutória do intérprete é importante para garantir que as partes possam se comunicar livremente e sem barreiras linguísticas, o que é essencial para promover a cooperação e o entendimento entre diferentes culturas e sociedades.

O louvor em Libras tem um papel importante na inclusão e na promoção da acessibilidade nas igrejas. Além disso, essa prática pode contribuir para o fortalecimento da fé e da espiritualidade da comunidade surda, permitindo que ela seja incluída de forma justa e igualitária.

Percurso Metodológico

Para esta pesquisa, primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico, buscando autores que representam a investigação atual sobre a relação entre surdez e música, música e memória e sinalização de músicas em contextos religiosos.

Como coleta de dados em campo, foram entrevistadas dez pessoas da comunidade surda, membros de uma congregação evangélica pentecostal, escolhidas de forma casual e por conveniência. Inicialmente elas foram orientadas a manifestar formalmente para participar da pesquisa por meio de um formulário Google, concordando com o termo de consentimento livre e esclarecido, preenchendo os dados gerais e indicando se gostavam ou não de música. Salienta-se que 100% dos convidados aceitaram participar e que a realização da pesquisa teve autorização expressa da equipe pastoral da igreja.

Em um segundo momento, adotou-se uma abordagem inclusiva e qualitativa ao envolver participantes surdos membros de uma igreja evangélica pentecostal e a fim de capturar as experiências e percepções desses participantes de maneira autêntica, optou-se por realizar entrevistas face-a-face em Libras. As entrevistas foram realizadas pela segunda autora, que é tradutora de Libras e participante da igreja. Elaborou-se um roteiro abrangente, contemplando perguntas abertas, com o objetivo de permitir que os participantes expressassem suas vivências de maneira completa e detalhada, concordando com Creswell (2007). A opção pela metodologia qualitativa deveu-se ao seu entendimento ontológico da realidade compreendida como múltipla e subjetiva, considerando que as percepções dos participantes são importantes (Creswell, 2007; Patias; Hohendorff, 2019) para atingir o objetivo da pesquisa.

Além disso, a pesquisa foi conduzida no local onde os participantes se encontravam, procurando estabelecer com eles harmonia e credibilidade (Creswell, 2007). As entrevistas foram conduzidas de maneira respeitosa, dando espaço para que os participantes se expressassem livremente em Libras, no período de 01/06/2023 a 16/06/2023. Chama a atenção que os dados coletados envolvem textos inicialmente sinalizados em Libras, os quais foram posteriormente transcritos para a língua portuguesa, o que envolveu uma interpretação dos dados que não prescindiu dos aspectos subjetivos do pesquisador por meio de “uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico” (Creswell, 2007, p. 186-7). Levando isso em consideração, a tradutora transcreveu para a língua portuguesa as sinalizações em Libras de cada participante. O diálogo foi estabelecido de forma a garantir compreensão mútua e autenticidade na troca de informações que foram registradas por meio de anotações adicionais realizadas com o objetivo de enriquecer a compreensão das respostas dos participantes. Os dados dos participantes encontram-se no quadro 1.

Depois de transcritos, a análise, baseada em Creswell (2007), buscou extrair sentido dos dados por meio da sistematização em categorias, especialmente baseada na linguagem (no caso traduzida) do participante, o mais próximo possível da sua linguagem real, conhecido como *in vivo*. As categorias emergiram dos dados, elencadas *a posteriori* e escolhidas aquelas com no mínimo duas ocorrências. Em seguida, realizou-se uma interpretação, na qual se buscou extrair significado dos dados, cotejando-os com informações da literatura.

Ao adotar essa metodologia, buscou-se não apenas obter dados valiosos, mas também contribuir para a promoção da diversidade e inclusão nas pesquisas sociais, reconhecendo a singularidade linguística e cultural da comunidade surda.

Quadro 1 – Dados dos entrevistados

E	Sexo	Idade	Tempo de aprendizado em Libras	Autodeclaração como
E1	M	22 anos	18 anos	Surdo
E2	F	25 anos	20 anos	Deficiente Auditivo
E3	F	40 anos	30 anos	Surda
E4	M	54 anos	30 anos	Surdo
E5	M	57 anos	34 anos	Surdo
E6	F	28 anos	18 anos	Surda
E7	M	24 anos	20 anos	Surdo
E8	M	18 anos	15 anos	Surdo
E9	M	39 anos	24 anos	Surdo
E10	M	19 anos	18 anos	Surdo

Fonte: elaboração dos autores (2024)

Análise e discussão dos dados

Do total de entrevistados, 90% se declararam surdos e 10% afirmaram ter deficiência auditiva. Os termos definem diferentes graus de perda de audição. Soleman e Bousquat (2021, p. 2) definem a surdez como a perda total da audição e a deficiência auditiva como “a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma”. Essa aferição é baseada no Decreto-Lei Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Contudo, afirmam os autores, “a deficiência auditiva e a surdez têm sido tratadas como sinônimos em boa parte da produção científica no campo da saúde.” (Soleman; Bousquat, 2021, p. 2).

Os entrevistados eram de várias faixas etárias, variando entre 19 e 57 anos, todos congregantes da mesma igreja pentecostal, em um município do Rio Grande do Sul. Considera-se esse fato como relevante porque a relação desses entrevistados com a música parte do fato de que na referida igreja se pratica o louvor com auxílio de Libras, para atender e incluir a comunidade surda nas celebrações. Essa igreja, fundada em 1955 e estabelecida na cidade em 1971 possui, além de intérpretes nos cultos, outras iniciativas de inclusão, como a colocação de legendas nos vídeos utilizados nas pregações ou em outras atividades de formação para os membros da congregação. Possui, também, espaços adaptados para surdos e para pessoas com outras deficiências. A comunidade da igreja em Canoas possui 475 membros.

Na entrevista, 100% das pessoas ouvidas disseram gostar da utilização de Libras nas músicas de louvor, afirmando que a língua de sinais os auxilia a entrar em sintonia com o objetivo da celebração, que é louvar a Deus. Sem a utilização da língua de sinais, eles teriam dificuldade para interagir com a oração, pois sua presença na igreja estaria restrita a acompanhar as palavras do pastor e a observar o louvor das pessoas ouvintes, sem poder participar efetivamente.

Observa-se, nos excertos das entrevistas, que a percepção sobre as músicas sinalizadas nos cultos e atividades religiosas se apresenta com distintos matizes, nomeados

em categorias analíticas como sentimento e prazer, vibrações, observações e sinalização, inclusão na comunidade, sentimentos, entendimento cognitivo, resistência e identidade surda. Para uma melhor clarificação, apresenta-se o quadro 2 com as evidências de cada categoria e por entrevista.

Quadro 2 – Evidências das categorias por entrevista

	Sentimentos e prazer	Vibrações	Observações e sinalização	Inclusão na comunidade	Resistência e Identidade surda
% dos entrevistados	50%	30%	50%	40%	20%
E1	S	S			
E2	S	S	S		
E3	S	S		S	
E4	S		S	S	
E5			S		
E6	S		S		
E7					S
E8				S	
E9			S	S	
E10					S

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Categoria sentimentos e prazer

Metade dos entrevistados (5/10) descrevem que sentem prazer ao experienciar as músicas na igreja de diferentes maneiras. A partir dos excertos das entrevistas, ilustra-se o entendimento de Holmes (2017), de que a música pode proporcionar prazer para a comunidade surda. Quando E3 (Entrevistado 3, entrevista pessoal, 2023) diz que “A interpretação visual da música é uma forma incrível de expressar a beleza que ela transmite”, isto pode ter relação com expressão criativa significativa (Holmes, 2017), quando ocorre a construção de significados de maneira coerente com a experiência surda. Quando E1 (Entrevistado 1, entrevista pessoal, 2023) diz que pode “mergulhar na mensagem e na emoção das canções de uma forma incrível”, identifica-se prazer sensorial (Holmes, 2017). Quando E4 (Entrevistado 4, entrevista pessoal, 2023) diz que “O movimento do corpo e os sinais articulados trazem a melodia à vida de uma maneira que me conecta profundamente com a arte” identifica-se realização cultural (Holmes, 2017), como um modo de conexão integral com a arte, em formato de música.

Na mesma medida, ilustra-se o entendimento de Nakagawa (2012) de que a música para surdos pode ocorrer por meio da incorporação de sinais e do entendimento da poesia das letras, quando E6 (Entrevistado 6, entrevista pessoal, 2023) diz que “A

música se torna uma experiência completa para mim, não apenas algo para se ouvir, mas para se ver e sentir”. Além disso, esse excerto evidencia o entendimento de Dunn (2018, p. 2, tradução nossa) de que a música vai além de apenas ouvir, mas envolve “experimentar, sentir, conectar-se fisicamente com algo maior”, bem como ela pode provocar emoções (Cross, 2012). Quando essas sensações se desenrolam em um contexto religioso, podem se tornar fonte de um conhecimento sensível importante para a materialidade religiosa (Souza, 2022).

Categoria vibrações

Os dados das entrevistas apresentaram evidências de que a música pode ser entendida como uma forma de arte sentida por meio da vibração (Haguiara-Cervellini, 2003), evidenciado quando E2 (Entrevistado 2, entrevista pessoal, 2023) diz que “adoro a batida e as vibrações que sinto”. Essa pode ser uma evidência de materialidade que compõe a experiência religiosa, coerente com o entendimento de Souza (2022).

Para Hopkins et al (2022), por meio da vibração de graves e da notação visual a música torna-se acessível para pessoas surdas, evidenciado quando E3 (Entrevistado 3, entrevista pessoal, 2023) diz que “A música é uma inspiração constante para minha vida, pois sinto as batidas e melodias através da vibração”.

Vargas e Sousa (2017, p. 251) destacam, contudo, que as pessoas surdas “apesar de sentirem a vibração do som, não conseguem identificar o que está sendo abordado na música”, sendo necessário, para isto, “a atuação de um profissional”, que é o intérprete de Libras, o qual torna-se fundamental neste contexto.

Categoria observações das sinalizações

Os dados visuais são importantes para a apreensão do contexto musical por pessoas surdas, os quais, segundo Haguiara-Cervellini (2003), podem transformar-se em entidades sensoriais, evidenciado quando E2 (Entrevistado 2, entrevista pessoal, 2023) diz que “As letras das músicas, quando traduzidas para a língua de sinais, tornam-se expressivas e poderosas”.

Na mesma linha, o depoimento de E4 (Entrevistado 4, entrevista pessoal, 2023) diz que “A música para mim está na expressão corporal e na língua de sinais. O movimento do corpo e os sinais articulados trazem a melodia à vida de uma maneira que me conecta profundamente com a arte”, o que evidencia o entendimento de Holmes (2017) sobre a música tornar-se uma experiência visual-espacial, excedendo os parâmetros acústicos do som.

O entendimento de E4 (Entrevistado 4, entrevista pessoal, 2023), de que “A música é uma linguagem que todos podemos compartilhar sem distinção se a língua de sinais estiver presente” coaduna com Dunn (2018) sobre as quatro formas de expressão da música, que são a música em si, as letras, os sinais e outros gestos, denotando uma experiência inclusiva.

Categoria inclusão na comunidade

Quando a música é adaptada para a comunidade surda, ela pode favorecer o processo de inclusão, conforme o entendimento de Paula e Pederiva (2022), evidenciado no excerto de E3 (Entrevistado 3, entrevista pessoal, 2023), quando diz que “A música é uma inspiração constante para minha vida, pois sinto as batidas e melodias através da vibração, e isso influencia meu crescimento espiritual e sentido de pertencimento”.

O entendimento de E8 (Entrevistado 8, entrevista pessoal, 2023) de que “A incorporação de músicas sinalizadas tornou os cultos mais acessíveis, além disto, as interpretações em língua de sinais durante as pregações garantem que todos possam participar plenamente na comunidade” concorda com Dunn (2018) de que há evidências de busca pela inclusão de pessoas surdas nos cultos, tal como no contexto analisado.

Categoria resistência e identidade surda

Chama a atenção que a música também foi percebida como uma forma de resistência da comunidade surda. Relata o entrevistado E7 (Entrevistado 7, entrevista pessoal, 2023) que “A música, para mim, é uma forma de expressar resistência e celebração da identidade surda. Letras impactantes sinalizadas e interpretações visuais com ricas expressões corporais transmitem mensagens poderosas sobre nossa cultura e luta atrelada à fé”. Este depoimento evidencia que a música pode servir como um elo entre diferentes comunidades surdas, fortalecendo a memória cultural (Assmann, 2011) e reafirmando a identidade surda. As evidências indicam que a identidade cultural compartilhada é fundamentada na memória coletiva de dado grupo que tem em comum uma história, tradição e valores (Assmann, 2011). Pode-se entender que a música pode servir para reafirmar a identidade cultural surda, evidenciados no entendimento de E10 (Entrevistado 10, entrevista pessoal, 2023) para o qual “a música é uma ferramenta poderosa para unir a comunidade surda”.

A cultura surda é uma cultura visual e espacial que se baseia em uma língua gestual como meio de comunicação e expressão (Holmes, 2017). Essa língua é considerada uma língua natural e completa, com gramática e estrutura próprias. A língua gestual é fundamental para a comunicação e a expressão da cultura surda, e é transmitida de geração em geração, elemento essencial para a identidade surda. Segundo Candau (2011), a identidade é uma construção social e narrativa, que emerge das interações entre os indivíduos e o mundo que os cerca. A identidade é influenciada por diversos fatores, os quais podem mudar ao longo do tempo, de acordo com as experiências pessoais e as mudanças sociais e culturais. Nesse sentido, Pollak (1992) alerta sobre a constante mudança na construção da nossa autoimagem, a qual ocorre por meio de negociações em função dos outros, o que impacta na identidade que vamos construindo conforme critérios de aceitação, admissão e credibilidade.

O fato de a totalidade de pessoas, de diversas idades, entenderem que através da música se sentem mais participantes, mesmo sem a possibilidade de ouvir os sons, reforça a ideia de que o sentimento de pertença a uma comunidade é importante para

o indivíduo; mas, mais que isso, de que a inclusão da pessoa surda através da música é importante para o desenvolvimento desse sentido de pertença.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi discutir a repercussão da música na comunidade surda, nomeadamente por meio do uso de libras em celebrações religiosas de uma igreja pentecostal de Canoas/RS. Os resultados indicaram que a música sinalizada para surdos tem um papel importante na inclusão e expressão cultural da comunidade surda com repercussões positivas na memória social desta comunidade. A interpretação musical em LIBRAS mostrou-se como uma forma de conexão com a arte, permitindo que pessoas surdas possam apreciar, sentir prazer e se envolver com a música de maneira significativa.

As análises sugeriram que na igreja pentecostal em tela, a música religiosa sinalizada permeia as barreiras do silêncio e enriquece a identidade da comunidade surda, fortalecendo a sua memória social e sentido de pertencimento.

Os resultados indicaram ainda que a música sinalizada tem potencial para romper as barreiras do silêncio por meio de vibrações e pela atuação do intérprete de LIBRAS, transformando os dados visuais da interpretação em entidades sensoriais ultrapassando os parâmetros acústicos do som, evidenciada como um aspecto importante de um conhecimento sensível que ajuda a formar a materialidade da religião.

Através da música sinalizada, a memória social da comunidade surda é recriada e transmitida, gerando uma conexão entre a cultura surda e a expressão artística. As canções sinalizadas podem evocar memórias e emoções, permitindo que a comunidade surda compartilhe narrativas, valores e identidades coletivas por meio da música.

Além disso, a música sinalizada desempenha um papel importante na inclusão social e na quebra de barreiras comunicativas. Ao proporcionar acesso à música para pessoas surdas, ela ajuda a promover a igualdade de oportunidades e o fortalecimento da identidade surda. A música sinalizada cria um espaço de expressão artística e criativa, permitindo que a comunidade surda se engaje e participe do mundo da música.

Os resultados indicaram ainda que a música sinalizada realiza uma conexão fundamental entre a memória social e a comunidade surda. Ela permite que a cultura e a expressão artística da comunidade surda sejam compartilhadas, preservadas e transmitidas por meio da música. A música sinalizada promove inclusão, igualdade e acessibilidade, proporcionando uma experiência musical enriquecedora para pessoas surdas.

Ao reconhecer a importância da música sinalizada para a memória social, abrimos caminho para uma sociedade mais inclusiva e diversa, onde todos possam desfrutar e participar plenamente da expressão cultural. Além disso, a música gospel sinalizada promove a inclusão e a participação ativa de pessoas surdas nas atividades religiosas.

Ela permite que as pessoas surdas se envolvam plenamente nos cultos, adoração e celebrações religiosas, compreendendo as letras, os ritmos e as mensagens da música gospel. Através da música sinalizada, as pessoas surdas podem expressar sua devoção, louvor e conexão com a espiritualidade de maneira autêntica e significativa.

Sugere-se que futuros estudos sobre religião material contemplem as músicas e louvores para surdos como campo de pesquisa e a complexidade envolvida na temática.

A música sinalizada desafia as barreiras comunicativas e quebra estereótipos, mostrando a diversidade e a riqueza da expressão artística na comunidade surda. Concluindo, a música sinalizada preserva, transmite e fortalece a identidade surda, promovendo a participação ativa nas atividades religiosas e permitindo que as pessoas surdas se conectem espiritualmente por meio da música. A música gospel sinalizada tem o poder de impactar não apenas a comunidade surda, mas também a sociedade em geral, promovendo a valorização da cultura surda e a conscientização sobre a inclusão e a diversidade.

Referências

ALBIR, Amparo H. Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGNO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Orgs.) Competência em tradução: cognição e discurso. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 19-57.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Unicamp, 2011.

BRITO, Ênio J. C. Religião material – o estudo das religiões a partir da cultura material. *Identidade!*, v. 25, n. 01, p. 127-134, Jan/Jun 2020.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CROSS, Ian. Musical and Biocultural Evolution. In: CLAYTON, Martin; HERBERT, Trevor; MIDDLETON, Richard. *The Cultural Study of Music*, 17-27. 2nd ed. New York and London: Routledge, 2012.

DUNN, Mallory R. The role of music in worship among deaf culture Christianity. 2018. Master of Arts in Ethnomusicology (MA). Liberty University. Lynchburg, Virgínia, EUA. 85 p. Disponível em: <https://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1549&context=masters> Acesso em 12 mar. 2024

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. A musicalidade do surdo: Representação e estigma. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

HOLMES, Jessica A. Expert listening beyond the limits of hearing: music and deafness. *Journal of the American Musicological Society*. v. 70, n. 1, p. 170-220, 2017.

HOPKINS, Carl et al. Deafness And Music: Can Vibration Be Used When Playing Music Together? *Frontiers for Young Minds. Neuroscience and Psychology*. Jan. 2022, doi:10.3389/frym.2021.732713

KUNTZE, Vivian L. A relação do surdo com a música: representações sociais. Dissertação de Mestrado (Música), Universidade do Estado de Santa Catarina, 2014. 151 p.

MED, Bohumil. Teoria da música. 4ª ed., Brasília: Musimed, 1996.

NAKAGAWA, Michiko. A música e a surdez: reflexões sobre a experiência musical de pessoas surdas. *Revista Brasileira de Educação Musical*, v. 22, p. 85-96, 2012.

PATIAS, Naiana D.; HOHENDORFF, Jean V. Critérios de Qualidade para Artigos de Pesquisa Qualitativa. *Psicologia em Estudo*, v. 24, e435361, 2019.

PAULA, Tatiane R. M. de; PEDERIVA, Patrícia L. M. A musicalidade das pessoas surdas: um olhar a partir da teoria histórico-cultural. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 38, n. 1, p. 202257176, 2022.

PEREIRA, Maria C. P. Testagem linguística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1992, p. 200-212.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos Surdos*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 2002.

SILVA, Nedinaldo M. da et al. Educação musical de surdos: características, barreiras e práticas exitosas. *Educação e Pesquisa*, v. 46, p. e221995, 2020.

SOLEMAN, Carla; BOUSQUAT, Aylene. Políticas de saúde e concepções de surdez e de deficiência auditiva no SUS: um monólogo? *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, e00206620, 2021, p. 1-14. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00206620>.

SOUZA, Patrícia R. *Religião Material: O estudo das religiões a partir da Cultura Material*. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. PUC SP, 2019

SOUZA, Patrícia R. Pensar a religião através das coisas: materialidade religiosa e decolonização. *REVER*, v. 22, n. 2, 2022.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2ª ed., Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

VARGAS, Vivian G. L.; SOUSA, Alexandre M. Música para sujeitos surdos: expressividade e paralinguagem. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, v. 4, n. 2, 2017, pp 250-258. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1204>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Recebido em: 01/07/2024.

Aprovado em: 01/11/2024.

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Patrícia R. Souza.